

José D. Garcia Domingues



IBN 'Ammâr de Silves



XI Congresso de Estudos Árabes do Algarve, 1982
Silves

Ibn 'Ammâr de Silves

Biografia e Antologia por

José D. Garcia Domingues

Homenagem ao maior poeta árabe do Algarve
no encerramento do
XI^o Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos
Évora-Faro-Silves — 1982

Publicação da Câmara Municipal de Silves

Ibn 'Ammâr

o maior poeta árabe do Algarve

I

BIOGRAFIA

Abû Bakr Muhammad Ibn 'Ammâr era natural da aldeia de *Sannabûs* ou *Santabûs* (muitas vezes identificada, mas sem grande fundamento, com a povoação de Estômbar) na região de Silves, onde nasceu em 1031.

Estudou Literatura e Direito em Silves, Sevilha e Córdova. Foi discípulo do grande filólogo de Santa Maria do Ocidente (Faro) *Abû'l-Hajjaj Yûsuf al-A'lam*.

Pelos 17 anos regressou à sua pequena pátria onde esteve com o príncipe de Sevilha *Al-Mu'tamid ben 'Abbâd*, quando este, apenas de 12 anos de idade, dirigia nominalmente o cerco de Silves em poder dos *Banû Muzain*.

Quando *Al-Mu'tamid* se instalou em Silves como Vali, começou para *Ibn 'Ammâr*, oriundo de uma família pobre, uma existência de esplendor e sonho no Palácio das Varandas (*Qaṣr Al-Šarâjib*) da cidade de Silves, transformada em capital do Algarve.

Na carreira das honras *Ibn 'Ammâr* chegou a desempenhar em Silves, altos cargos, mas, mais tarde, *Al-Mu'taðid*, pai de *Al-Mu'tamid*, dando ouvidos a boatos de amores impróprios, expulsou-o. *Ibn 'Ammâr* refugiou-se em Saragoça.

Quando *Al-Mu'taðid* morreu *Al-Mu'tamid* subiu ao trono de Sevilha. Logo chamou *Ibn 'Ammâr* para junto de si e lhe deu a escolher entre as várias dignidades do seu reino.

Ibn 'Ammâr escolheu o valiato de Silves, sua terra natal, onde, dizem os historiadores, entrou «com pompa verdadeiramente real».

Pouco tempo aí se demorou. Em breve foi chamado a Sevilha e aí obteve os mais elevados cargos, entre os quais o de *Du'l-Wizaratâin* (o Senhor do Duplo Vizirato), Primeiro Ministro.

Ibn 'Ammâr conquistou Córdova, onde pôs, como imperante o príncipe 'Abbâd, filho de Al-Mut'tamid, nascido em Silves, da Romaiquia, depois Sultana I'timad. A grande nobreza de Córdova foi então obrigada a saudar Ibn 'Ammâr com estranhas demonstrações de admiração e submissão reverente.

Por esses tempos, prestou grandes serviços a Al-Mu'tamid. Diz a tradição que, uma vez, tendo Afonso VI de Leão e Castela posto cerco a Sevilha, Ibn 'Ammâr salvou a cidade numa partida de xadrez ganha ao rei cristão.

Mais tarde, planeou com Afonso VI, como agora se sabe, pelas memórias de 'Abdallâh, último rei zírída de Granada, a conquista desta cidade muçulmana, em direcção à qual chegou a avançar, mas que não tomou.

Posteriormente, pretendendo conquistar Múrcia com forças sevilhanas, a Ibn Tâhir, criou aí tais compromissos com o Conde de Barcelona, Raimundo Berenguer II, Cabeça de Estopa, que pôs em risco a vida de um dos filhos de Al-Mu'tamid, o príncipe Al-Rašid.

Isto deu origem à primeira desavença com Al-Mu'tamid.

Depois, tendo conquistado Múrcia por um estratagema, assumiu aí ares tão arrogantes que os seus inimigos, em Sevilha, convenceram Al-Mu'tamid de que ele pretendia proclamar-se Senhor independente de Múrcia. Usava o turbante alto dos amires e tomava atitudes de soberano.

Ibn 'Ammâr acabou, mesmo, por tomar a soberania plena de Múrcia e parece que Al-Mu'tamid se viu forçado a reconhecer essa soberania.

Feita uma reconciliação aparente, de novo as intrigas triunfaram em virtude de Ibn 'Ammâr se recusar a dar a liberdade a Ibn Tâhir, Senhor destronado de Múrcia.

Como o príncipe 'Abda'l-Aziz de Valência em manobra bem architectada, tivesse libertado Ibn Tâhir, Ibn 'Ammâr declarou-lhe guerra, apesar de saber que ele era amigo de Al-Mu'tamid.

Expulso de Múrcia por uma revolução, Ibn 'Ammâr ofereceu os seus préstimos a Afonso VI que os recusou. Finalmente, pôs-se ao ser-

viço dos príncipes de Saragoça Banû Hûd em cuja corte havia estado quando da sua expulsão ordenada por Al-Mu'tamid.

Na altura em que tentava apoderar-se do castelo de Segura, em golpe de audácia, foi feito prisioneiro. Posto em leilão, desafiava, em verso, os possíveis interessados, garantindo-lhes que levariam uma boa cabeça.

Comprou-o Al-Mu'tamid que lhe inflingiu a maior humilhação, fazendo-o atravessar Córdova montado num burro e carregado de ferros perante aqueles mesmos que ele afrontara.

Ibn 'Ammâr foi, a seguir, conduzido a Sevilha e encerrado numa torre próxima do palácio de Al-Mu'tamid.

Após apelos lancinantes, entre os quais se encontra um dos mais belos poemas de Ibn 'Ammâr, o Senhor de Sevilha parecia inclinado a perdoar-lhe as suas traições, mas, suspeitando de nova deslealdade do seu antigo amigo, dirigiu-se à prisão da torre onde ele se encontrava e depois de uma breve troca de palavras matou-o à machadada (1084).

Ibn 'Ammâr foi sepultado junto do muro do palácio Al-Mubârak, com correntes e grilhões, correntes e grilhões encontrados quando, anos passados, desenterraram o seu corpo.

Ibn Wahbûn, poeta de Múrcia, de que ele fora Senhor, e seu amigo íntimo, chorou a sua morte numa interessante elegia em que no entanto não condenava em absoluto o seu matador.

De Ibn 'Ammâr restam numerosas poesias relativas a diferentes momentos e episódios da sua vida. Elas foram colecionadas num *Diwân*, assinalado por Ibn Bassâm de Santarém na sua *Al-Dahira*, durante séculos perdido mas de que ultimamente se encontrou um exemplar na Biblioteca da Mesquita Caratína de Fez.

A figura de Ibn 'Ammâr e a sua obra poética, assim como o seu *Diwân*, foram tema de uma tese de doutoramento apresentada na Sorbonne pelo professor iraquiano Şalah Hâliş, perante um júri de que fazia parte o Prof. Lévi-Provençal, nosso velho amigo, que pouco depois nos deu conta desse facto.

Em 1957 o Prof. Şalah Hâliş publicou, em Bagdad, esse trabalho, um exemplar do qual chegou às nossas mãos por gentilíssima oferta do Prof. Dr. Dias Farinha.

Ibn 'Ammâr, originário pela família, da tribo de Mahra, na Arábia meridional, foi, na opinião de alguns antologistas e críticos árabes do seu tempo, um poeta de génio, digno da maior admiração.

García Gómez, sem lhe negar esta qualidade, disse, numa interessante e valiosa conferência pronunciada na Câmara Municipal de Faro, onde tivemos a honra de o acompanhar, que talvez não tivesse sido dos maiores poetas do Andaluz em que surgem figuras do mais elevado merecimento, pois muitas das suas poesias estão demasiado subordinadas às circunstâncias em que foram criadas e ao espírito do repentista, mas foi, sem dúvida, a maior cabeça política da Hispânia Árabe do seu século, como tal só comparável a Sesnando Davidiz que sugeriu a Fernando o Magno a conquista de Coimbra aos muçulmanos, cooperou nela, foi Conde desta cidade e nela tem ainda hoje o seu túmulo.

Ibn 'Ammâr, no mundo islâmico do Andaluz, e o Conde Sesnando no cristão, do Norte da Península, representaram uma política de temporização ou semi-entendimento com a parte contrária, que deveria dar melhores resultados do que a guerra aberta para a qual nenhum dos sectores estava preparado.

A intervenção dos Almorávidas, se, por momento, desequilibrou os pratos da balança, acabou por ser fatal para os reinos de Taifas e, com o tempo, também para os invasores africanos.

Na obra poética de Ibn 'Ammâr tomam relevo panegíricos elaborados com talento, como os que dirigiu a Al-Mu'ta'id, alguns trechos líricos como aquele em que define o amor, o dedicado à amada, um outro em que descreve a alcachofra, diálogos com Al-Mu'tamid, epístolas, sátiras, invectivas e súplicas, como as epístolas que dirigiu a Al-Mu'tamid, a sátira contra os Banû 'Abbâd, a invectiva contra os Banû 'Abd'al-Aziz e a última súplica, pouco antes da morte, em que solicitava o perdão, considerada esta como uma das suas mais belas peças literárias.

As poesias de Ibn 'Ammâr foram transcritas por *Ibn Hâqân*, *Ibn Bassâm*, *Ibn Dihya*, *Ibn Al-'Abbâr*, *Ibn 'Abd' al-Wâhid al-Marrakushî*, *Ibn Sa'îd al-Magribî*, *Al-Maqqarî* e outros.

O que delas se encontra no seu *Dîwân* de Fez se, em alguns casos, esclarece e completa pensamentos e imagens, noutros, como nos disse Lévi-Provençal, serve apenas para se avaliar do número de versos de uma composição pelo número de barras de tinta em que se transformaram muitas das linhas do manuscrito.

A vida de Ibn 'Ammâr foi trágica. Poeta fascinante, aventureiro, dominado pela ambição e pelo desejo de poder, a sua ligação amistosa com Al-Mu'tamid redundou num desastre, pela incompatibilidade

dos temperamentos, romântico e sensitivo um, nevrótico e fantasioso o outro, sem grande equilíbrio.

Ibn 'Ammâr teve a consciência de que necessitava de Al-Mu'tamid para os seus projectos mas também de que Al-Mu'tamid, sem ele, pouco poderia fazer, no emaranhado da vida política e económica das Taifas.

E assim sucedeu. Quando os Almorávidas surgiram no Andaluz, Al-Mu'tamid já não encontrou quem o aconselhasse e aparasse os golpes desferidos pelas situações difíceis.

Foram ambos na voragem do tempo e do destino depois de uma amizade algo profunda, vinculados a sonhos, embriagados por uma auréola de expressões sentimentais poéticas.

II

ANTOLOGIA

Elogio de Al-Múttadid

Faz circular a taça do vinho, pois o zéfiro se levantou
e o luar desviou já as rendas da viagem nocturna.
A alvorada trouxe-nos a sua cânfora branca
quando a noite afastou de nós o seu negro âmbar.
O jardim é como uma beldade vestida com a túnica das suas flores
e adornada com o colar de pérolas do orvalho.
Ou então como um donzel que se ruboriza com o pudor das rosas
e se enche de coragem com o buço do mirto.
O jardim onde o rio parece uma mão alva,
estendida sobre uma túnica verde,
está agitado pela brisa da manhã; pensareis
que é a espada de Ibn 'Abbâd' que dispersa exércitos...
'Abbâd! A dádiva da sua mão é fecunda, na angústia,
quando o ar se reveste de uma túnica cinzenta.
Ele é mais fresco sobre os corações do que o gotejar do orvalho,
mais agradável sobre as pálpebras do que o doce peso do sono.
Ele faz chispar o clarão da glória e não se afasta
do fogo da luta senão para o do lar dos seus hóspedes.
Julgo, encontrando-me a seu lado, estar no Paraíso
quando me embriaga o «Kawṭar» da sua generosidade! (1)

O Amor

A glória do Amor, compreendei-o bem, está na sua humildade
[envergonhada.

E as suas delícias, tomai-lhes o gosto agradável, são tormentos
[ardentes.

Não procureis o poder no Amor...

Pois só os escravos das leis do Amor são homens livres. (2)

Gazelita

Ela era uma gazelita que olhava com narcisos
avançava com açucenas e sorria com margaridas
As suas arrecadas faziam-me sinais e as argolas delas
tendiam as orelhas para que escutassem a melodia do cinturão. (3)

Alcachofra

Filha da água e da terra, a sua permanente generosidade
para aquele que a deseja, encontra-se num vestido de recusa.
Dir-se-ia que na sua beleza e na sua inacessibilidade, nos cimos,
é uma jovem cristã envolvida numa couraça de espinhos perigosos. (4)

*Diálogo entre Al-Mu'tamid e Ibn 'Ammâr
quando um dia se dirigiam para a mesquita*

Al-Mu'tamid:

Eis que o almuadem anuncia a hora da oração

Ibn 'Ammâr:

Espera com isso o perdão dos seus muitos pecados.

Al-Mu'tamid:

Pois que seja feliz quem reconhece a verdade

Ibn 'Ammâr:

Contanto que creia no coração o que diz com a língua. (5)

Meu Príncipe!

Epístola dirigida a Al-Mu'tamid

Meu Príncipe! Nunca tive outro desejo senão o que tu queres.
Deixo-me conduzir por ti como o viajante, na noite, pelos clarões
[do céu.

Se queres partir de barco eu te seguirei,
ou se queres por terra, voarei atrás de ti.
Depois, quando, graças à protecção divina, tivermos chegado
aos pátios do teu palácio, deixar-me-ás regressar a minha casa
e, sem te dares tempo de pôr de parte a espada, irás lançar-te aos pés
da bela de cinturão de ouro, e logo, recuperando o tempo perdido,
a abraçarás e apertarás contra o peito, murmurando doces palavras,
tal como quando as aves se correspondem ao despontar da aurora. (°)

Quem me diria?...

Acreditarei nos meus sentimentos ou darei ouvidos aos meus
[companheiros?

Executarei a minha intenção ou ficarei aqui com a minha escolta?
Se obedecesse aos impulsos do meu coração avançaria,
Certo de que encontraria os braços do amigo para me receber.
Porém se reflito, retrocedo, recordando a falta cometida.
Como são estranhas as decisões do destino!
Quem me diria que me seria um dia mais agradável estar longe de ti,
[do que perto...

Temo-te porque tens contra mim o direito de morte.
Espero em ti porque te amo de todo o coração. (°)

Contra os Banû 'Abd'al-Azîz

Invectiva

Anuncia a Valência que era um Paraíso,
que se transformou num verdadeiro Inferno!

.....
Ó gente oculta ou presente

Habitantes presentes ou em viagem,

expulsai os Banû 'Abd'al-Azîz, pois eles

fizeram cair sobre vós o pior dos destinos!

Revoltai-vos contra eles, esclarecendo, e elegeri

um rei que possa defender-vos dos vossos inimigos

quer ele seja Muḥammad ou Aḥmad,

qualquer deles dessa casa

em que um vizir descobriu um final
de mal a pior, de vergonha em vergonha.

... ..
Quê? Crês poder fugir à vingança (ó 'Abd'al-Aziz)
daquele que caminha impávido, mesmo em noite sem estrelas?
Com que astuto ardil poderás escapar às mãos vingadoras
de um homem dos Banû 'Ammâr?... (')

Contra os Banû 'Abbâd

Sátira em resposta a uma outra de
Al-Mu'tamid contra os Banû 'Ammâr

Eia! Saúda no Ocidente essa tribo nómada
cujos homens fizeram ajoelhar camelos e tiraram algum proveito disso.
Subsiste ainda Yawmin, mãe dos povos.
Dorme, para que a vejas em sonhos...
Interrogarás os seus habitantes sobre as cinzas,
Se bem que nunca lhes tenhas visto os fogos acesos...
Escolheste-a entre as mulheres da populaça,
Essa Romaikiya que não valia um fio.
Ela deu à luz uma geração de homenzinhos, reboludos, sem vergonha,
com base em ambos os ramos paterno e materno.
São de pequena estatura
mas nas suas cabeças ostentam altos cornos.

... ..
Eu despedaçarei a tua honra, a pouco e pouco
e de momento a momento rasgarei os véus que escondem a tua torpeza.
Ó herói da cavalaria antiga e seu Zaid,
tu davas hospitalidade, mas permitias que as tuas mulheres fossem
[violadas. (")

Ultima súplica

O teu carácter, se perdoares, será mais nobre e generoso...
A tua desculpa, se punires, será mais do que simples e clara...
Se entre as duas coisas há distinção,
certamente te inclinarás para o que está mais perto de Deus!
Tem piedade de mim na minha inclinação ao teu veredito!

Não dêis ouvidos aos meus inimigos, mesmo que repitam as suas
[acusações!

O que podem os meus inimigos dizer mais do que já disseram?

A não ser que a minha culpa está evidente e claramente provada?

Sim! Sou culpado, mas a tua clemência é enorme.

Ela faz que a culpa apague o castigo e desapareça.

A minha esperança é que decidas diferentemente
do que agradaria aos meus inimigos e lhes daria alegria.

E porque não, se a passada afeição e o serviço
podem fazer passar a noite do pecado e trazer uma nova aurora?

Embora tenha cometido más acções,

não podem as acções, de más, transformarem-se depois em boas?

Julga-me pelo amor entre nós, que nos conduzia

para a porta que dava para a inspiração divina.

E apaga os vestígios do crime que cometi.

A tua generosidade apaga-os e perdoa-os.

Não dêis atenção aos dizeres dos intriguistas...

Cada vaso ferve com o que contém!

Ouvirás toda a espécie de informações sobre mim,
adornadas com os acrescentamentos dos Banû 'Abd'al-Azîz.

Tudo isso é conhecido de ti. Mas se eu me arrependo,

não tornarei a fazer mal e a te incomodar.

Estou a imaginar esses velhacos — Deus os expulse para longe! —

mostrando a sua malícia por insinuações e claras observações,

dizendo: «De qualquer modo o punirás pelos seus actos.»

Mas eu digo: «De qualquer modo perdoarás e esquecerás!»

Sim: Al-Mu'ayyad pode castigar com todo o seu poder,

mas a clemência de Al-Mu'ayyad é mais ligeira!

Profundo no meu coração, o meu amor por ele é um amuleto

que me auxiliará, mesmo que a morte esteja prestes a ferir.

Saudações àquele que, de qualquer modo, a paixão fará mudar:

a meu favor, e tornarei a brilhar, contra mim, e irei deste mundo.

Deixai-o, se eu morrer, ser consolado pelo esquecimento,

pois eu morrerei atormentado pelo meu amor por ele! (")

ANOTAÇÕES

- (1) **Texto árabe** — «Ibn 'Ammār al-Andalusī» de Ṣalah Ḥālī. Pgs. 189-194. Metro *Kāmil*. Damos apenas alguns versos do panegírico.
Traduções — E. García Gómez — «Poemas Arabigoandaluces». Pgs. 69-71. A. González Palencia — «História de la Literatura Arabigo-Española». Pg. 75; Nykl — «Hispano-Arabie Poetry». Pgs. 154-156; James T. Monroe — «Hispano-Arabie Poetry». Pgs. 188-192.
- (2) **Texto árabe** — Obra citada no número anterior, de Ṣ. Ḥ. Pgs. 220-222. Metro *Kāmil*. Primeiros versos de um panegírico dirigido também a Al-Murtadī.
- Tradução** — Henri Pérès — «La Poésie Andalouse en Arabe Classique». Pg. 427.
- (3) **Texto árabe** — Ṣ. Ḥ. — Obra citada. Pg. 252. Metro *Wafir*.
Tradução — García Gómez — Obra citada. Pg. 72.
- (4) **Texto árabe** — Ṣ. Ḥ. — Obra citada. Pg. 246. Metro *Basit*.
Tradução — Henri Pérès — Obra citada. Pg. 195.
- (5) **Texto árabe** — Ṣ. Ḥ. — Obra citada. Pg. 232.
Tradução — R. Dozy — «Histoire des Musulmans d'Espagne», IV. Pg. 136.
- (6) **Texto árabe** — Ṣ. Ḥ. — Obra citada. Pg. 236. Metro *Basit*.
Tradução — R. Dozy — Obra citada IV. Pg. 145.
- (7) **Texto árabe** — Ṣ. Ḥ. — Obra citada. Pgs. 279-280. Metro *Tawil*.
Tradução — R. Dozy — Obra citada IV. Pg. 170.
- (8) **Texto árabe** — Ṣ. Ḥ. — Obra citada. Pgs. 288-289. Metro *Kāmil*.
Tradução — R. Dozy — Obra citada IV. Pg. 178.
Desta composição só damos alguns versos mais significativos.
- (9) **Texto árabe** — Ṣ. Ḥ. — Obra citada. Pgs. 291-292. Metro *Mutaqārib*.
Tradução — Nykl — Obra citada. Pg. 160.
- (10) **Texto árabe** — Ṣ. Ḥ. — Obra citada. Pgs. 319-321. Metro *Tawil*.
Tradução — Nykl — Obra citada. Pgs. 161-162.

BIBLIOGRAFIA SUMARIA

Textos árabes:

Ibn Bassām — «Al-Dahira fi Mahāsin Ahl al-Andalusī». 8 Vols. publicação dirigida pelo Doutor Ihsan 'Abbās — Beirute — 1979 — Dār al-Taqāfa.

- Ibn al-'Abbār* — «Al-Hulla al-Siyarā'», 2 Vols. publicação dirigida pelo Doutor Hussain Monés — Cairo — 1963 — La Société Arabe de Publications.
Ibn Sa'īd al-Magribī — «Al-Mugrib fi Hulla al-Magrib», 2 Vols. Publicação dirigida pelo Doutor Saūqī Daif. — Cairo — 1953 — Dār al-Ma ārif.
R. Dozy — Scriptorum Arabum Loci de Abhadidiis. 3 Vols. — Leide — 1846-1863.
Salah Hātīs — Ibn 'Anmār al-andalusī — Bagdad — 1967 — Ed. Al-Hadi.

Obras histórico-literárias:

- R. Dozy* — Histoire des Musulmans d'Espagne jusqu'à la conquête de l'Andalousie par les Almoravides. 3 Vols. — Leide — 2.^a ed. 1932.
E. Garcia Gómez — «Poemas Arabigoandaluces» — Madrid — 1943 — Espasa-Calpe.
A. González Palencia — Historia de la Literatura Arabigo-Española» — Madrid — 2.^a ed. 1945 — Labor.
Henri Pérès — «La Poésie Andalouse en Arabe Classique au XI^{ème} siècle» — Paris — 1.^a ed. 1937 — Maisonneuve.
A. E. Nyki — «Hispano-Arabic Poetry and its relations with the old Provençal Troubadours» — Baltimore — 1946.
James T. Monroe — «Hispano-Arabic Poetry — A Student Anthology» — Los Angeles — 1974 — University of California Press.